

Educação musical e Educação das Relações Étnico-raciais: as abordagens de três livros didáticos de Artes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

Comunicação

Eloisa Costa Gonzaga
Universidade do Estado de Santa Catarina
elo07gonzaga@gmail.com

Viviane Beineke
Universidade do Estado de Santa Catarina
Viviane.beineke@udesc.br

Resumo: A presente pesquisa tem o objetivo investigar a educação das relações étnico-raciais (ERER) no ensino de música, buscando compreender como a música e a cultura afro-brasileira estão presentes em livros didáticos do ensino fundamental, anos finais para o ensino de Artes na escola de educação básica. A pesquisa se apoia nos estudos das relações étnico-raciais no campo da Educação, na perspectiva da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), com alteração na Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008) e nas diretrizes que orientam a ERER no Programa Nacional do Livro Didático-PNLD. A revisão bibliográfica nos mostra que a temática da ERER é abordada na educação musical brasileira principalmente a partir do debate em torno da diversidade e do multiculturalismo (CANDUSSO et al., 2019). A abordagem metodológica adotada é a pesquisa documental, sendo analisados três livros didáticos de Artes do PNLD, para o 8º ano, pertencentes às coleções Mosaico Arte; Por toda parte e Teláris Arte. A análise concentrou-se em três eixos: (1) a presença de pessoas negras na música; (2) vozes negras e tradições musicais; (3) musicalidade negra e conteúdos musicais. Os resultados parciais desta pesquisa indicam que o livro didático de Artes apresenta avanços em relação à inclusão de conteúdos relativos à História e Cultura Afro-brasileira. No entanto, percebemos que ainda há uma centralidade na cultura europeia, principalmente nas referências dos fundamentos da pedagogia da educação musical. A partir dos seus resultados, a pesquisa visa discutir referenciais e abordagens críticas que possam contribuir para uma educação musical em perspectiva antirracista.

Palavras-chave: Educação musical; Educação das relações étnico-raciais; Livro didático.

Introdução

Esta pesquisa investiga a educação das relações étnico-raciais (ERER) no ensino de

música, buscando compreender como a música e a cultura afro-brasileira estão presentes em livros didáticos do ensino fundamental, anos finais, para o ensino de Artes na escola de educação básica. Tendo em vista que o livro didático está presente no cotidiano da escola básica, e o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) é política pública vigente até o presente momento, cabe ao Ministério da Educação (MEC) fornecer esses livros às escolas públicas brasileiras. Consideramos importante pensar que, se o livro didático está presente no ensino de música na educação básica, é relevante analisar como a EREER está sendo abordada no ensino de Artes/Música. A análise será pautada na legislação e nas diretrizes que orientam a EREER no PNLD, focalizando a presença da música e da cultura afro-brasileira e a maneira como esses conteúdos são abordados.

A educação das relações étnico-raciais e os livros didáticos

Desde que foi homologada a Lei nº 10.639, em 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), instituindo a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira, foram publicados importantes documentos que formulam diretrizes e orientam estudos que indicam como conteúdos de história e cultura Afro-brasileira e Africana podem ser abordados nos espaços de ensino e nas etapas da educação brasileira.

No ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras (BRASIL, 2004). O documento, elaborado em parceria entre o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, afirma os marcos legais da EREER como agenda de relevância no governo federal, apresentando princípios e ações educativas de combate ao racismo e à discriminação. Em relação ao livro didático, as diretrizes indicam que os livros e os materiais para os diferentes níveis de ensino, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, e corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura e a identidade dos afrodescendentes (BRASIL, 2004, p. 25).

No ano seguinte à homologação das diretrizes, Kabengele Munanga organizou e

publicou o livro “Superando o Racismo na escola” (2005), apresentando textos de diversas áreas e disciplinas do ensino fundamental. Os textos mobilizam forças vivas para combater o racismo, e entre essas forças, a educação escolar tem um papel de destaque, embora não possa resolver tudo sozinha (MUNANGA, 2005, p.1). Nesta obra, Ana Célia da Silva focaliza seus estudos na representação do negro em livros didáticos de português. Segundo ela “o livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares” (SILVA, 2005, p.22). Por ser um documento de relevância, principalmente nas escolas públicas, o livro didático, por muito tempo, contribuiu para reforçar o racismo e a discriminação. Entretanto, apesar de todas as limitações e, até mesmo, das evidências de racismo presentes nos livros didáticos analisados, a autora destaca possibilidades de serem questionados os estereótipos e distorções das representações do negro em sala de aula.

Em 2008, a Lei 10.639/03 é alterada pela Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008), que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira e indígena em todos os níveis de ensino. No mesmo ano, foi lançada a publicação “Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003”¹, com o objetivo de desenvolver proposta de Plano Nacional que estabeleça metas para a implementação efetiva da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), alterada pela lei n. 10.639/2003 em todo o território nacional. Em suas metas e estratégias, o documento prevê e enfatiza as diferentes responsabilidades dos poderes executivos, dos legislativos e dos conselhos de educação municipais, estaduais e nacional e de demais instituições públicas no processo de implementação e institucionalização da Lei n. 10.639/2003 nos sistemas de ensino. Um dos eixos estratégicos desse documento é a política de material didático e paradidático. Segundo o documento,

Os princípios e critérios estabelecidos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) definem que, quanto à construção de uma sociedade cidadã, os livros deverão: promover positivamente a imagem de afro-descendentes e, também, a cultura afro-brasileira dando visibilidade aos

¹ Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho Interministerial, instituído por iniciativa do Ministério da Educação, ação desenvolvida por meio da portaria interministerial MEC/MJ/Seppir, n. 605 de 20 de maio de 2008.

seus valores, tradições, organizações e saberes sociocientíficos. Para tanto, os livros destinados a professores(as) e alunos(as) devem abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade anti-racista, justa e igualitária (Edital do PNLD, 2010). (BRASIL, 2008, p. 33)

O documento considera também que os programas do livro do MEC podem se constituir como uma das principais ferramentas de democratização do acesso ao conjunto de saberes e conhecimentos. Portanto, deve refletir a diversidade regional e contribuir para o enfrentamento da reprodução de estereótipos e preconceitos racistas, sexistas, entre outros, no ambiente escolar, de forma mais efetiva. A política reflete também na escolha do material didático, que é submetido a rigoroso processo coletivo de avaliação, visando à valorização da diversidade étnico-racial, segundo estabelece a Lei n. 10.639/2003.

Em continuidade às políticas de implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, em 2010, o Ministério da Educação², publicou as “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais”, material que apresenta detalhamentos em relação ao seu cumprimento, incluindo sugestões de atividades em correlação com faixa etária e situações específicas de cada nível de ensino, além de sugestões de recursos didáticos e bibliografia específica. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007), educadora e relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, argumenta, quanto à inclusão desses conteúdos:

Abordá-los pedagogicamente ou como objeto de estudos, com competência e sensatez, requer de nós, professores (as) e pesquisadores (as): não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar. (SILVA, 2007, p. 493)

² Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad).

Na área de Artes, destacamos dois trabalhos que têm como objeto de análise coleções de livros didáticos de Artes, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). No campo das artes visuais, Lacerda (2018) analisa a arte afro-brasileira apresentada em dois livros didáticos, são eles: MOSAICO ARTE e POR TODA PARTE, do sexto ano do Ensino Fundamental da Educação Básica, disponibilizados pelo PNLD no edital de 2017. Diante da análise, Lacerda (2018) questiona que o livro didático de Arte do Projeto Mosaico reforça uma concepção romantizada da arte afro-brasileira, ao priorizar uma visão exótica e folclórica. Por outro lado, o livro didático da coleção Por Toda Parte apresenta uma concepção de arte afro-brasileira que valoriza a etnia e a ancestralidade dos/as artistas como critério para vinculação com a arte afro-brasileira. Conclui que, apesar de contemplar a arte afro-brasileira, os livros didáticos ainda priorizam a perspectiva hegemônica nos seus conteúdos.

O trabalho de Souza (2017) reflete sobre os desafios que marcam a educação musical escolar contemporânea, sobretudo a importância do livro didático de Arte no processo de ensino e aprendizagem musical na escola. O objetivo principal é compreender como se dão as representações de ensino de música a partir dos conteúdos musicais presentes nesses livros – PNLD/Arte (2015 a 2017). Este recorte de tempo se justifica por ser o período em que o componente curricular Arte passou a ser contemplado pelo Programa Nacional do Livro Didático PNLD/Arte. Souza (2017) analisa a coleção ÁPIS: ARTE, PROJETO PRESENTE: ARTE, PORTA ABERTA, MOSAICO ARTE, POR TODA A PARTE e ARTE EM INTERAÇÃO. Os resultados apontam que a forma como a disciplina de música é organizada no livro didático analisado mostra uma tendência na simplificação de conteúdos e nas formas de abordagem pedagógica. O estudo não analisa especificamente o tema das relações étnico-raciais, mas contribui na discussão sobre como os conteúdos musicais estão sendo abordados nos livros didáticos.

Na área específica de Educação Musical, o debate em torno da temática da ERER está presente em trabalhos que vêm pensando os modos de aprendizagem musical nos contextos de comunidade e escola (PRASS, 1999), a dimensão estética dessas culturas (CARVALHO,

2010) e o currículo do ensino superior em Música, em contraponto à cultura hegemônica (QUEIROZ, 2018; BATISTA, 2018). Mesmo assim, como problematiza Almeida (2010), ainda são incipientes os estudos que contemplam e/ou problematizam questões referentes às identidades étnico-raciais, classe, gênero, religião, geração, as possíveis interseccionalidades entre essas categorias e o racismo estrutural.

Em texto mais recente, Flávia Candusso, em conjunto com outros autores, apresenta um mapeamento da produção acadêmica da área de Educação Musical sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08 em revistas da ABEM, no período entre 2003 e 2018. O estudo considerou que a produção dos trabalhos acadêmicos com o foco na diversidade musical e cultural, principalmente no início do século XX, abordam as experiências em escolas, ONGs, projetos sociais com atividades de músicas da cultura popular pelo país. No entanto, problemas como o racismo, a discriminação racial e a representatividade raramente aparecem como um ponto importante na discussão. Outra questão observada é que os trabalhos que incorporam as músicas das culturas brasileiras, muitas vezes tratam somente dos aspectos musicais, como os parâmetros do som, da melodia ou do ritmo, não abordando princípios filosóficos e culturais importantes para uma prática musical em uma determinada comunidade (CANDUSSO et al., 2019).

Caminhos metodológicos

Este estudo caracteriza-se como pesquisa documental, entendendo que o livro didático é um documento importante na construção, positiva ou negativa, de uma identidade. Por isso, é de extrema importância pensar que o livro, no ambiente escolar, representa produção do conhecimento. “Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE; ANDRÉ, p. 44). Na perspectiva da análise do livro enquanto documento, utilizado como um instrumento metodológico, é possível focar na discussão do conteúdo apresentado e principalmente, o conteúdo simbólico presente no livro, que dê conta de enunciar uma

reflexão sobre como a temática da história e cultura afro-brasileira é apresentada no livro didático de artes. Gil define que,

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2009, p. 45)

Para esta pesquisa foram selecionadas três coleções que fazem parte do edital do governo federal para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano 2018, ainda em vigor em 2020. Visando uma maior variedade, com livros de diferentes editoras e autores, escolhemos três coleções, são elas: MOSAICO ARTE; POR TODA PARTE e TELÁRIS ARTE. As análises estão restritas aos livros didáticos de Arte direcionados para o 8º ano do ensino fundamental, anos finais.

No processo de análise, primeiro foi feita uma descrição da proposta do livro como um todo, depois uma descrição mais detalhada daquelas partes dedicadas à música e, por fim, a análise concentrou-se em aspectos relacionados às culturas africanas e afro-brasileiras. Por ser uma abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, optamos por fazer primeiramente um caminho de análise mais amplo, seguindo para um enfoque mais detalhado. Desse modo, como indica Godoy (1995), os critérios de análise podem ser reavaliados no andamento da pesquisa.

Essas análises procuraram capturar os principais elementos dessas culturas, bem como a maneira como eram abordados. Como principal critério, as análises estiveram pautadas nos próprios documentos legais, como as Leis 10.639/03 e 11.645/08 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Cada um dos livros analisados destacou-se por abordagens diversas da ERE, que foram assim nomeadas: (1) A presença de pessoas negras na música; (2) Vozes negras e tradições musicais; (3) Musicalidade negra e conteúdos

musicais.

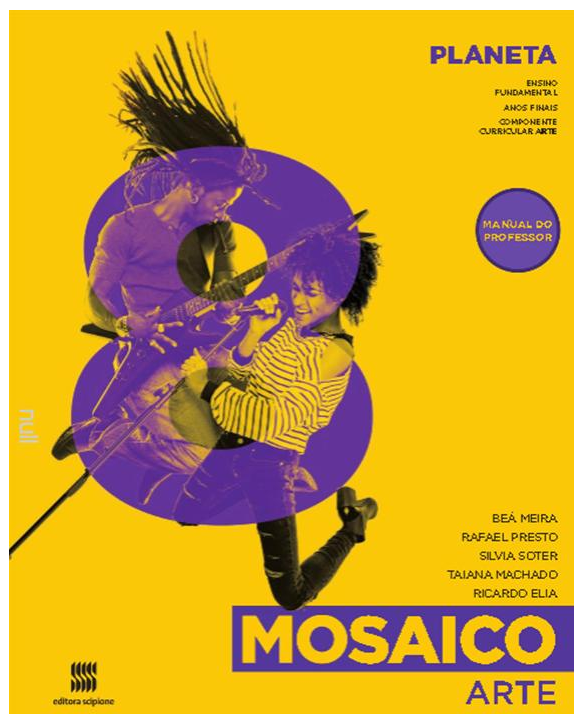
A ERER e os conteúdos musicais: o que os livros trazem?

As três coleções analisadas são exemplares destinados aos professores. Cada coleção traz uma apresentação sobre quais concepções pedagógicas serão trabalhadas, e também explica detalhadamente como as unidades, os capítulos, as seções, entre outros, são organizados. Sobre o que será trabalhado em cada coleção ao longo dos capítulos, destacamos algumas considerações, principalmente sobre a justificativa de cada projeto. A coleção MOSAICO ARTE (Figura 1) aborda o estudo sistemático das linguagens artísticas relacionadas com expressões de diferentes povos e dimensões sociais, estimulando uma reflexão crítica que desmistifique o conceito elitizado de arte. A coleção POR TODA PARTE (Figura 2) traz a proposição de que o aluno, como cidadão, tem direito ao conhecimento estético e artístico produzido e acumulado pela humanidade no percurso histórico e no contexto contemporâneo. A coleção TELARIS (Figura 3) propõe que os alunos tenham contato com diferentes artistas e obras de artes de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que permitam um percurso criador e autoral, com repertório ampliado e visão crítica que possibilita a criação artística autônoma.

As três coleções apresentam proposições pedagógicas das linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) como base das propostas de atividades e dos conteúdos apresentados no livro, com orientações para a mediação em sala de aula. Especialmente na linguagem artística Música, as três coleções trazem referências e contribuições dos chamados métodos “ativos”, de educadores como: Carl Orff (1895-1982), Edgar Willems (1890-1978), Zoltán Kodály (1882-1967), Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950); Murray Schafer (1933-) e Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), e também autores como Raymond Murray Schafer (1933-) e John Paynter (1931-2010) que apresentarem abordagens mais contemporâneas. As três coleções abordam também conceitos como: diversidade, racismo, identidade, afrodescendente, relacionando com música afro-brasileira, como também à história e cultura africana, afro-brasileira e indígenas na escola. Como detalhado a seguir, a análise concentrou-se em três eixos: (1) a presença de pessoas negras na música; (2) vozes negras e tradições musicais; e (3) musicalidade negra e conteúdos musicais, como detalhado

a seguir.

Figura 1: capa do livro MOSAICO ARTE do 8º ano (Manual do professor)



Fonte: Meira et al. Mosaico Arte: 8º ano. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2018.

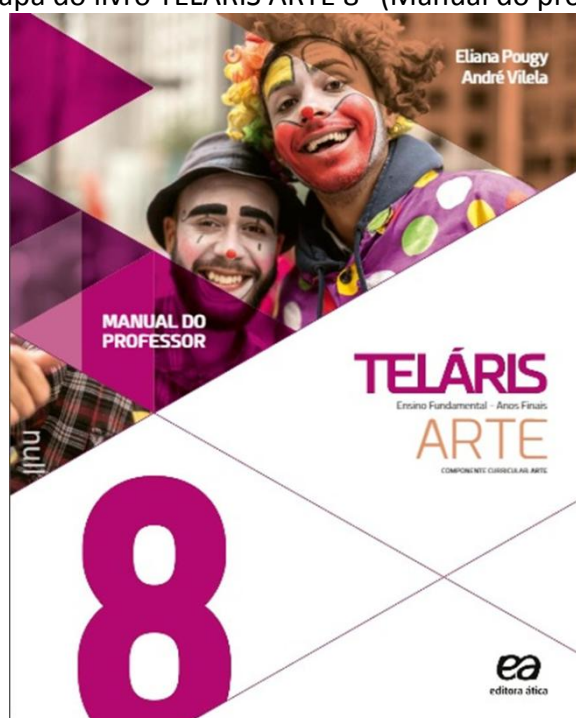
Figura 2: capa do livro POR TODA PARTE 8º ano (Manual do professor)



Fonte: Utuari et al. Por Toda Parte: 8º ano. 2ª ed. São Paulo:

FTD, 2018.

Figura 3: capa do livro TELÁRIS ARTE 8º (Manual do professor)



Fonte: POUGY, Eliana; VILELA, André. Teláris Arte: 8º ano. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2018.

A presença de pessoas negras na música

Considerando as discussões apresentadas nos documentos que abordam a Lei 10.639/2003 e sua aplicação nas escolas de educação básica, observa-se a importância de destacar que a trajetória do negro é diversa e pode acontecer de diferentes lugares e musicalidades. As três coleções apresentam diferentes artistas negros, que atuam em contextos variados. Destacamos aqui a coleção MOSAICO ARTE, que apresenta dois artistas negros com trajetórias diferentes de formação musical. Bob McFerrin, que teve uma trajetória de aprendizagem musical bastante influenciada pela música europeia (ópera) e o jazz. Já Naná Vasconcelos (Figura 4) construiu sua trajetória na música popular brasileira, mais caracterizada por aprendizagens informais, principalmente com instrumentos relacionados à música afro-brasileira.

Figura 4: Naná Vasconcelos, capítulo 6, seção: conversa de artista, MOSAICO ARTE 8º ano


CONVERSA DE ARTISTA

NANÁ VASCONCELOS

Naná Vasconcelos era considerado um multi-instrumentista em razão da grande variedade de instrumentos musicais que tocava. Mas o berimbau foi o instrumento que o levou a aprender outros aspectos da música e de sua própria voz. Leia parte de uma entrevista em que Naná fala sobre a relação que faz entre a voz e o berimbau.

Então eu começo a descobrir coisas do berimbau e ele começou a tirar de mim coisas que eu não pensava dessa maneira, e aí tudo virou música: barulho virou música, não virou música, silêncio virou música. Então foi o berimbau que me levou a isso. Eu começo a usar minha voz como instrumento, não como cantor. Esse instrumento me deu uma concepção musical e fez com que mudasse a minha percepção de pensar a música. Ao mesmo tempo abriu uma dimensão muito grande sobre a música, os instrumentos e as formas como podem ser usados. [...] Então para mim o berimbau era agora, era uma coisa muito séria dentro de mim. Uma manifestação mesmo espiritual, e cada coisa que aparecia eu tinha que tecnicamente fazer forma perfeita, coisa de mim a perfeição. Tudo que eu faço hoje vem do berimbau, e eu transponho para os outros instrumentos.

VASCONCELOS, Naná. *Afinações: o espetáculo da música negra*. Chicago: Harmonia, Estúdio Futuro, 2014. p. 37.



Naná Vasconcelos tocando berimbau e cantando durante um show em São Paulo (SP), 2010.

© que você acha que significa usar a voz como um instrumento e não como cantor?

147

Fonte: Meira et al. Mosaico Arte: 8º ano. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2018, p. 147.

A coleção MOSAICO ARTE apresenta outros artistas negros e negras, como o cantor e compositor Seu Jorge, a bailarina Ingrid Silva e o músico Nigeriano Fela Kuti. A coleção POR TODA PARTE aborda a música de percussão em diferentes contextos e gêneros. Uma das referências dessa coleção é o Grupo Meninos do Morumbi, de São Paulo. Já a coleção TELÁRIS ARTE, no capítulo dedicado à música, apresenta artistas como Bob Marley, Michael Jackson e Pixinguinha.

Vozes negras e tradições musicais

Segundo as orientações apresentadas nas diretrizes curriculares para a EREB, é importante que o livro didático apresente aspectos sobre a história e a cultura afro-brasileira de forma positiva. Nesse aspecto, destacamos a coleção POR TODA PARTE, quando apresenta o capítulo 1 “Batucadas e batidas” (Figura 5), que busca trazer uma abordagem sobre o som da batida ao longo da história, com foco nos tambores, na música eletrônica e nas experimentações artísticas. O capítulo aborda também, os tambores como elemento importante nas religiões, em diversos lugares no mundo. No Brasil, traz o destaque para as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. A coleção TELÁRIS também traz essa dimensão dos tambores, que estão para além de um instrumento de ritmo na cultura afro-brasileira, pois essas coleções trazem relações com a formação da identidade negra.

Figura 5: capítulo 1 - Batucadas e batidas



Fonte: UTUARI et al. Por Toda Parte: 8º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2018, p. 106.

Outro ponto de destaque na coleção MOSAICO ARTE é a apresentação de vários aspectos músico-sociais que caracterizam o grupo Meninos do Morumbi, composto por crianças e jovens da periferia de São Paulo e cidades próximas, como Embu das Artes. Ao abordar o processo de formação do projeto social, a única narrativa é a do músico e fundador do projeto, Flavio Pimenta. A imagem do grupo apresenta pessoas negras tocando, mas suas narrativas não são trazidas no livro, o que enfraquece o protagonismo dos integrantes do grupo. O livro apresenta também, no capítulo 2, a seção “Instrumentos que o tempo traz”, com um quadro da linha do tempo, representando os períodos que alguns instrumentos foram criados, em diferentes épocas e diferentes lugares. O quadro não faz nenhuma menção ao continente africano, mas identifica os lugares quando se trata do continente europeu.

Musicalidade negra e conteúdos musicais

Sobre a musicalidade negra e os conteúdos musicais, o enfoque da EREER nos livros didáticos valoriza a presença de informações sobre as musicalidades enquanto práticas das sociabilidades, que são fundamentais para o conhecimento, a filosofia e a história, inclusive na música urbana. São saberes que estão para além de uma escrita formal.

Quanto a esse aspecto, o livro da coleção TELÁRIS ARTE apresenta, no capítulo 4, intitulado “Arte e afirmação”, o grupo de percussão Olodum como uma referência de musicalidade afro-brasileira. Além dessa referência, a seção “Um pouco de história da arte” apresenta outros ritmos afro-brasileiros como: batuque, frevo, samba de roda, afoxé, coco de roda e samba (Figura 6). No samba, citam como exemplo o compositor Pixinguinha, considerado um dos maiores compositores brasileiros, e Tia Ciata, conhecida como as “Tias Baianas”, mulheres negras que migraram da Bahia para o Rio de Janeiro e recebiam artistas em suas casas. O livro da coleção POR TODA PARTE também apresenta um exemplo de prática musical afro-brasileira, trabalhando conteúdos sobre o projeto Meninos do Morumbi, de São Paulo. Já a coleção MOSAICO ARTE focaliza mais na trajetória de artistas negros.

Figura 6: seção “Um pouco de história da arte”.

Você pode iniciar esta dupla de páginas apreciando com a turma as fotos apresentadas. Faça perguntas como: “Quem são as pessoas retratadas?”, “O que eles estão fazendo?”, “Como parecem estar se sentindo?”.

Na leitura das imagens você pode conversar com os alunos sobre a ligação estreita entre as origens do samba, ritmo considerado hoje um dos estilos musicais brasileiros por excelência, e a herança africana presente na cultura brasileira. Ressalte que, no decorrer da história, as manifestações de origem africana sofreram preconceito da elite cultural, sendo depois incorporadas por todos os estratos sociais. Ao estimular o aprofundamento cultural do aluno nessa temática, não somente se valoriza um patrimônio nacional como também se demonstra aos alunos o valor histórico das etnias que fundamentaram nossa tradição artístico-cultural.

Comente com os alunos que Pixinguinha, apesar de não compor sambas, criou músicas que se relacionam muito com esse estilo. O artista atuou como músico em diversos espaços e com diferentes funções, integrando bandas como instrumentista, escrevendo arranjos para gravadoras e compondo. Suas composições de mais destaque foram os choros “Larinhos” e “Lamentos”.

Assim, é importante que a turma compreenda a diversidade de influências em jogo na origem do samba: cada africano escravizado trazia consigo sua herança cultural, e dessa mistura foram se criando, no aspecto musical, os ritmos brasileiros. Destaque igualmente a grande diversidade de ritmos que foram criados a partir do samba ou influenciados por ele. Se possível, utilize as imagens que seguem.

Coco de roda

O **coco de roda** é um ritmo musical realizado com instrumentos como ganzá, surdo, pandeiro e triângulo, mas marcado principalmente pelas palmas das mãos e pelos tamancos ou sandálias de madeira usados muitas vezes pelos dançarinos. Também chamado de **pagode** ou **zambê**, o coco de roda é típico do Nordeste brasileiro, com registros em estados como Maranhão, Pernambuco, Paraíba e Alagoas.

🎧 Ouça no CD de áudio desta obra um exemplo de coco de roda.



Samba

O **samba** nasceu do batuque baiano, trazido da Bahia para o Rio de Janeiro no final do século XIX. Ele se desenvolveu nas casas das chamadas **Tias Baianas**, senhoras negras vestidas da Bahia que recebiam artistas em suas residências.

Uma dessas **Tias Baianas**, chamada **Tia Ciata** (1854-1924), ficou famosa porque sua casa recebeu diversos artistas que se tornaram importantes na música popular brasileira.

Na casa de Tia Ciata foi composto o primeiro samba a ser gravado. Esse samba, chamado “Peão telefone” (Dedeon, 1916), foi registrado pelo sambista Ernesto Joaquim Maria dos Santos (1890-1974), conhecido como Donga.

🎧 Ouça a gravação desse samba no CD de áudio deste livro.

Outro artista que frequentou a casa de Tia Ciata foi Alfredo da Rocha Vianna Filho (1897-1973), conhecido como Pixinguinha, considerado um dos maiores compositores brasileiros, cuja trajetória tem muita relação com o samba. Um de seus maiores sucessos foi a música “Larinhos” (Pixinguinha – 100 anos, Som Livre, 1997).

🎧 Ouça a gravação de “Larinhos” no CD que acompanha esta obra.




Retrato de Wiliana Batista de Almeida, a Tia Ciata, em 1894.

Pixinguinha, maestro, flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro.

Fonte: POUGY, Eliana; VILELA, André. Teláris Arte: 8º ano. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2018, p. 166.

Algumas considerações

A diversidade, vista como política pública que focaliza a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas, sugere uma série de diretrizes que vêm mudando a narrativa nos livros didáticos. Analisando a trajetória das políticas públicas e os estudos que se dedicam a pensar os aspectos da história e cultura afro-brasileira, consideramos que o livro didático de Artes apresenta avanços significativos. De acordo com os dados trazidos neste texto, cada coleção traz uma dimensão importante para a educação das relações étnico-raciais, contribuindo com a área de Educação musical. Dentro de cada um dos eixos de análise, os livros de cada uma das coleções apresenta questões que sugerem a realização de debates

críticos entre professor(a) e estudantes, sobre temáticas relacionadas à EREER e às práticas musicais.

No eixo que reflete sobre a presença de pessoas negras na música, a coleção MOSAICO ARTE, ao trazer a valorização da trajetória de diferentes artistas negros e fazendo relação com temas como racismo e desigualdades sociais, contribui para a ideia de que a história e a cultura negra são diversas e estão presentes em diferentes contextos. No eixo relativo às vozes negras e às suas tradições musicais, a coleção POR TODA PARTE amplia a dimensão da música de percussão, relacionando o tambor a diferentes religiões, de diferentes tradições culturais. No Brasil, traz referências do seu uso no Candomblé e na Umbanda. Além disso, apresenta a percussão como prática importante no projeto social Meninos do Morumbi. No eixo que enfatiza a musicalidade negra e os conteúdos musicais, a coleção TELÁRIS ARTE contribui para pensar uma prática musical que envolve a comunidade e está fundamentada nos conhecimentos da filosofia africana, além de trazer à discussão questões sobre a importância da valorização da diversidade e fomentar um olhar crítico dos(as) estudantes sobre as desigualdades sociais.

No entanto, é preciso considerar que, mesmo apresentando avanços quanto à presença das pessoas e das musicalidades negras, percebemos que ainda há uma centralidade na cultura europeia, principalmente em relação às referências dos fundamentos da pedagogia da Educação Musical, os representantes dos chamados métodos ativos. Na trajetória da pesquisa, percebemos que os aspectos apresentados nos livros das coleções analisadas, sobre as abordagens da EREER no ensino de música, avançaram alguns passos em relação à área de educação musical, que apresenta pequena produção sobre o tema. Consideramos que, para construirmos uma educação musical em perspectiva antirracista, precisamos questionar: como o racismo atua nesse campo? É fundamental considerar as diretrizes e os estudos sobre a EREER para pensar o ensino de música nos materiais didáticos, e para além deles. Entretanto, é também urgente questionar como os saberes musicais estão sendo estruturados. Pensando na educação musical enquanto área de conhecimento, nos perguntamos: esses saberes dão conta da diversidade das identidades brasileiras?

Referências

ALMEIDA, Cristiane M. G. Diversidade e formação de professores de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, 45-53, set. 2010.

BATISTA, Leonardo. M. Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. *ORFEU*, v.3, n.2, dezembro de 2018, p. 111 de 135.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*. Brasília, 2004.

_____. Ministério da Educação / Secad. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada. Kabengele Munanga, organizador. Brasília, 2005. 204p.

_____. Ministério da Educação/Seppir. *Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003*. Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação / Secad. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília, 2010.

CANDUSSO, Flavia; OLIVEIRA, Amós W. G.; SANTOS, Bruno N.; SANTOS, Marcelo J. P.; SANTOS, Marcelo S. S.; FIDALGO, Otavio J. S; SILVA, Renato A. Educação Musical e as Leis 10.639/03 e 11.645/08: Mapeamento da produção acadêmica nas Revistas da ABEM de 2003 a 2018. In: XXIV Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical. Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos, Campo Grande/MS - 11 a 14 de novembro de 2019. *Anais [...]* Campo Grande: UFMS, 2019.

CARVALHO, José J. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 14, vol.21 (1): 39-76 (2010)

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1988. 159 p

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LACERDA, Eva Alves. *A arte afro-brasileira no livro didático*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação-Universidade Estadual de Maringá, 2018. 170 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013, 112 p.

MEIRA, Bea; PRESTO, Rafael; SOTER, Silvia; MACHADO, Taiana; ELIA, Ricardo. *Mosaico Arte: 8º ano*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2018.

POUGY, Eliana; VILELA, André. *Teláris Arte*: 8º ano. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2018.

QUEIROZ, Luis R. S. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, Londrina, v.25, n.39, 132-159, jul.dez. 2017

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: Munanga, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada., organizador. Brasília, 2005. 204p.p 21-34

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p.489-506, set. 2007. Quadrimestral.

SOUZA, Karla Beatriz Soares de. *Abram os livros, por favor...* Representações de ensino aprendizagem de música nos conteúdos do livro didático de arte do pnd (2015 a 2017). Dissertação, Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Música, Instituto de artes, da Universidade Federal de Uberlândia, 2017. 263 p.

UTUARI, Solange; FERRARI, Pascoal; KATER, Carlos; FISCHER, Bruno. *Por toda Parte*: 8º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2018.